

Robert Vannoy, Deuteronomio, Aula 11

© 2011, Robert Vannoy, Perry Phillips e Ted Hildebrandt

Vários estudiosos e diversas datas para Deuteronomio

1. Três estudiosos a favor da data pós-exílica para Deuteronomio

a. Kennett: Deuteronomio escrito na época de Ageu/Zacarias

Há três nomes com três pontos de vista que queremos discutir, e o primeiro é RH Kennett. Se você olhar sua bibliografia, página dois, verá RH Kennett *Deuteronomy and the Decalogue*, Cambridge Press. Kennett escreveu esse livro em 1920. Ele propôs uma data para Deuteronomio na época de Ageu e Zacarias e disse que não poderia ter sido escrito sob Ezequias, Manassés ou Josias. Algumas das razões que ele defendeu foram, disse ele, que reunir todo o Israel anualmente em um santuário teria sido impraticável na época de Ezequias, Manassés ou Josias. Se fosse uma exigência que todo o Israel fosse ao santuário central, apostando na centralização do culto, o único santuário para a festa anual, ele diz que isso teria sido impraticável naqueles tempos anteriores. No entanto, no tempo de Ageu e Zacarias, após o regresso do exílio, quando era uma comunidade relativamente pequena, poderia ter sido viável, disse ele.

Ele diz: “Qualquer tentativa de cumprir as leis de Deuteronomio 13 significaria uma guerra civil”. Deuteronomio 13 diz respeito aos falsos adoradores, e no início da história de Israel o que ele está dizendo é que havia tantas pessoas envolvidas na idolatria, que simplesmente teria sido impraticável tentar impor a adoração central. Você percebe, Deuteronomio 13 diz: “Se um profeta, ou alguém que prediz por sonhos, aparecer entre vós e vos anunciar um sinal ou prodígio, e se o sinal ou prodígio mencionado acontecer, e o profeta disser: 'Vamos siga outros deuses e vamos adorá-los', você não deve ouvir as palavras desse profeta ou sonhador.” O versículo cinco diz: “Esse profeta ou sonhador deverá ser morto”. O versículo seis diz: “Se o seu próprio irmão, ou o seu filho ou a sua filha, ou a

esposa que você ama, ou o seu amigo mais próximo, secretamente o seduzir, dizendo: 'Vamos adorar outros deuses', não tenha piedade deles. Não os poupe nem os proteja. Você certamente deve matá-los.”

Portanto, essa penalidade estrita para a falsa adoração e os falsos profetas, diz ele, simplesmente não poderia ter sido aplicada na época de Ezequias, Manassés ou Josias.

O capítulo 17, que é a lei do rei, a última parte do capítulo, diz Kennett, “não poderia ter sido escrito quando um rei estava no trono. Mas apenas, 'quando há uma probabilidade de alguém ser eleito.’” Por outras palavras, parece um tempo em que a realeza será estabelecida, e não como um tempo em que a realeza já está estabelecida. Se você estava no tempo de Ezequias, Manassés ou Josias, já está estabelecido. Se você for para o período pós-exílico, quando eles voltam com o governador, eles esperam um retorno, talvez à realeza, então ele acha que provavelmente se encaixaria melhor lá. Ele diz: “Não existe rei, mas há uma probabilidade de que um seja eleito. E é estranho dizer que é necessário insistir que o rei que pode ser eleito pela comunidade geralmente seja de nascimento israelita.” Agora a lei do rei diz, em Deuteronômio 17:15: “Não coloque sobre você um estrangeiro, alguém que não seja irmão israelita”.

Então essas foram as razões que Kennett deu porque a data de Deuteronômio não cabe nos anos 600 e quer empurrá-la para mais tarde, para tempos pós-exílicos. Penso que a questão imediata para uma visão como a de Kennett é: por que ir para tempos pós-exílicos; por que não ir para tempos pré-monárquicos? Isso satisfaz suas objeções; e, claro, também é consistente com as afirmações do livro de Deuteronômio.

b. Holscher: O Livro da Lei de Josias não era Deuteronômio [data pós-exílio]

Tudo bem, “d” é G. Holscher, também na página dois de sua bibliografia. É uma obra alemã, *A Composição, Origem do Deuteronômio*, 1922. A tese de

Holscher era que, devido à descrição detalhada de II Reis 22, não se pode negar a historicidade de II Reis 22. Mas ele negou que o livro jurídico de Josias pudesse ser identificado com Deuteronômio. Na opinião de Holscher, Deuteronômio representava um programa para a restauração de Israel após o exílio. Ele sentiu que vinha dos círculos sacerdotais de Jerusalém e datou-o de cerca de 500 a.C.

Entre os seus argumentos estavam: ele disse que isso se encaixa melhor em tempos pós-exílicos do que pré-exílicos, tal como Kennett estava dizendo. Ele também disse que Deuteronômio 16, que exige que toda a família vá a Jerusalém, era inoperante nos tempos pré-exílicos. E para citar J. Thompson falando de Holscher, Thompson diz: “Ele propôs que Deuteronômio não era um programa de reforma, mas o pensamento positivo de sonhadores pós-exílicos irrealistas. Ele também disse que é improvável que Josias proclamasse Deuteronômio 17:14 como a lei do país quando restringia os direitos do rei.” Em outras palavras, a lei do rei em Deuteronômio 17 impôs certas limitações ao que um rei poderia fazer. Ele está dizendo: por que um rei amarraria as próprias mãos?

Além disso, ele observa, a partir dos papiros elefantinos encontrados no Egito, datados do século V a.C., que parece que a comunidade judaica local não estava familiarizada com a ideia de centralização do culto porque ali tinham o seu próprio centro de culto. Na verdade, eles estavam pedindo ao povo de Jerusalém que ajudasse a apoiar a construção do templo naquela região do Egito. A sua ideia é então que o Deuteronômio, com sua ênfase na centralização, ainda não havia sido promulgado porque o povo do Egito Elefantino parecia não estar familiarizado com as exigências do Deuteronômio. Isso foi no século V aC, então Holscher colocaria Deuteronômio bem tarde, no período pós-exílico. Ele afirma que o fato de terem ali um local de culto e até mesmo de solicitarem fundos para a construção do templo mostra que não tinham ideia da crença na centralização. Portanto, ele está dizendo que Deuteronômio nem existia. Claro, você poderia igualmente dizer que Deuteronômio era Mosaico e que essas pessoas já o haviam

esquecido ou ignorado.

Deuteronomio diz todos os homens, então não é que todos tivessem que ir para Jerusalém, mas os chefes de família, ou talvez chefes de clã, o que daria então uma visão mais representativa.

c. As Objeções de Patton à Data Pós-Exílica do Deuteronomio [favorece uma Data Josiana de 621 AC] Tudo bem, essa é em geral, apenas brevemente, a ideia de Holscher. Sua visão foi atacada por Patton naquele artigo que mencionei anteriormente. É a página três de sua bibliografia, em *JBL*, 1928, “The Case for the Post-exílico Origin of Deuteronomy”. Lá ele está examinando o caso de Holscher. O que Patton faz é defender o ponto de vista tradicional de Wellhaus. E Patton faz isso com uma série de argumentos, defendendo o ponto de vista Wellhausiano contra Holscher.

Ele critica Holscher. Primeiro ele enfatiza que as medidas tomadas por Josias em II Reis 22 estão em conformidade com os requisitos de Deuteronomio. Em outras palavras, se você comparar o que Josias fez em sua reforma, em II Reis 22 e 23, Patton argumenta que essas coisas estão em conformidade com os requisitos de Deuteronomio. Eu não tenho muitos problemas com isso. Acho que você pode estabelecer uma certa conexão entre Deuteronomio e o que Josias fez.

Em segundo lugar, Patton diz: “A confiabilidade histórica de II Reis 22 não pode ser questionada”. Novamente, isso é interessante. Citarei dele novamente: “O que o editor de Reis escreveu de sua própria cabeça sobre os tempos de Davi e Salomão, talvez até sobre os tempos de Ezequias, pode muito bem ser invenção literária, mas os dias de Josias foram muito próximo e muito claro na memória de seus contemporâneos para que ele inventasse a história de uma vez por todas. Então, novamente, você vê, você tem aquela reviravolta interessante onde ele defende a confiabilidade histórica da história de Josias, enquanto ao mesmo tempo admite que a história de Davi e a história de Salomão, talvez até mesmo a história

de Ezequias, foram invenções. Holscher disse da mesma forma que II Reis 22 era geralmente confiável, mas teve alguns acréscimos posteriores.

Meu próximo ponto é que Patton criticou a visão de Holscher de que II Reis 23:8a, 9-10, 15, 21-27 foram acréscimos posteriores adicionados depois de 500 a.C. Então Holscher diria que essas passagens são geralmente confiáveis, mas houve esses acréscimos posteriores, e Patton o critica por sugerir essas adições posteriores. Patton diz: “Holscher começa eliminando uma série de versículos nesses capítulos como interpolações do redator D2, o mais recente editor do livro de Reis, e assim por diante. O principal argumento de Holscher para rejeitar 23:8a e 9-10 é que eles interrompem o contexto.” Não vou entrar em detalhes sobre isso, mas você tem aquele debate entre os dois.

Deixe-me apenas mencionar aqui que a visão de Holscher era que Josias não era uma pessoa que centralizava a adoração, mas sim uma pessoa que a purificava, e para isso nenhum conhecimento de Deuteronômio é necessário. Deuteronômio é o que centraliza a adoração, e isso é posterior à reforma de Josias. Na opinião de Holscher, foi a purificação da adoração, não a centralização da adoração. A forma como Jeremias foi tratado e a falta de resposta do povo à sua mensagem indicariam que, seja o que for que tenha acontecido na reforma de Josias, não foi algo que mudou toda a nação e continuou. Há um certo mistério sobre qual é exatamente a conexão de Jeremias, o profeta, com a reforma de Josias. Jeremias não é mencionado em Reis em conexão com a reforma de Josias, e Josias não é mencionado em Jeremias. Isso não significa necessariamente que haja algum problema aqui; só que não sabemos exatamente como Jeremias esteve envolvido na implementação de algumas dessas reformas ou qual foi o seu papel. Simplesmente não é abordado. Mas não parece que a reforma tenha tido tanto significado, profundidade e duração. As advertências de Jeremias e seus apelos para que o povo retornasse ao Senhor caíram em ouvidos surdos. Eles quase o mataram.

Com referência a Holscher, que pergaminho foi encontrado no templo na época de Josias? Não tenho certeza, mas presumo que ele pensaria que talvez fosse o Código da Aliança, ou alguma outra parte do Pentateuco.

No que diz respeito ao argumento de Elefantina, de que eles não tinham qualquer conhecimento desta centralização do culto, Patton diz que isso apenas mostra que depois da reforma de Josias, as práticas de culto ilegítimas regressaram rapidamente. O argumento de que a centralização do culto era impraticável na época de Josias, Patton rebate dizendo que também era impraticável no período pós-exílico. Então, agora ele apenas diz que isso não ajuda. Patton diz: “mesmo admitindo o idealismo impraticável de Deuteronomio, não podemos deixar de perguntar se esse idealismo era mais impraticável em tempos pós-exílicos do que em tempos pré-exílicos”.

d. Berry: Deuteronomio Pós-Exílico – Santidade Coade influencia o livro posterior de Deuteronomio

GR Berry, esse é o “c” na sua folha, diz: “Holscher não fez nenhuma tentativa de descobrir o livro da lei de Josias em outras partes do Antigo Testamento”. Ele não tentou identificá-lo. Então ele está dizendo que não era Deuteronomio porque Deuteronomio é posterior, mas ele não tentou identificar o que era aquele livro da lei. Agora, o que Berry fez, ele fez algumas sugestões a respeito disso. Ele também sentiu que Deuteronomio era pós-exílico, mas depois desenvolveu uma tese de que o livro da lei de Josias deve ser identificado com aquele Código de Santidade, H, que é basicamente composto de Levítico 17-26. O artigo dele está na página dois de sua bibliografia, GR Berry, “Date of Deuteronomy”, *JBL*, 1940. Sua proposta então é que H preceda Deuteronomio em vez de segui-lo. Ele disse que as conexões entre Deuteronomio e aquele Código de Santidade devem ser atribuídas à influência de H sobre D, e não vice-versa, à influência de D sobre H. Ele apenas as inverteu. Assim, ele chegou à conclusão de

que Deuteronomio era uma data tardia e sugeriu que talvez o livro da lei de Esdras fosse Deuteronomio. Quando Esdras leu o livro da lei nos tempos pós-exílico, esse talvez fosse Deuteronomio.

e. Berry se opõe a Fried Agora a visão de Berry; não entraremos nesses detalhes, mas a visão de Berry foi contestada por um homem chamado A. Fried, “The Code Spoken of in II Kings 22 and 23,” no *Journal Biblical Literature*, volume 40, 1921. Eu ganhei. Não vou entrar em detalhes sobre isso, mas esses são três defensores representativos de uma data pós-exílica para Deuteronomio.

Então veja, você volta para onde Deuteronomio é a pedra angular para esta abordagem da teoria da fonte JEDP. Se houver alguma dúvida sobre a data de Deuteronomio, isso afetará toda a sua teoria. Bem, houve vários, e acabei de dar três exemplos, de estudiosos críticos que diriam que Deuteronomio deveria ser posterior, em tempos pós-exílicos. Portanto, a data não está tão absolutamente estabelecida, mesmo entre os estudiosos críticos.

2. Data Monárquica do Deuteronomio Pré-621 AC: 5 Estudiosos

a. Ewald: Tempo de Manassés

Mas então voltemos aos defensores de uma data anterior a 621 (que é 2), mas durante o período monárquico. Tenho cinco nomes lá: Ewald, Westphal, Ostriker, Welch e Von Rad. Heinrich Ewald colocou a origem na época de Manassés, não muito antes, cerca de 697-642 aC, ou cerca de vinte anos antes da descoberta do livro da lei por Josias. Ewald viveu no final de 1800, na mesma época que Wellhausen.

b. Westphal defende a data de Hezekian [ca. 729 AC] A. Westphal, escreveu um livro chamado *A Lei e os Profetas* em 1910, e disse que somente Deuteronomio poderia ter inspirado uma reforma como a de Ezequias, que começou a reinar por

volta de 729 AC. Então ele sentiu que Deuteronomio se originou durante o tempo de Ezequias e de Isaías cerca de cem anos antes de Josias. Isaías profetizou durante o tempo de Ezequias. Então esse era um período apropriado, pensou ele, para a composição de um livro como Deuteronomio. Assim, com Ewald, você volta para Manassés, e com Westphal, volta para Ezequias.

c. Ostriker - Data do Deuteronomio

do século 10

TH Ostriker é o terceiro homem lá; talvez Ostriker, Welch e Von Rad sejam provavelmente os três mais importantes neste título. Ostriker defendeu uma data anterior a Ezequias; ele voltaria por volta do século X. Em conexão com seu ponto de vista, ele disse que a reforma de Josias realizou a purificação da adoração, mas não a centralização. Deuteronomio não exige centralização do culto. Agora, isso tem algum significado porque realmente mina toda a estrutura de Wellhausen se Deuteronomio não exigir a centralização do culto. Ostriker diz que a reforma de Josias buscou *cultus einheit*, não *cultus reinheit*. *Cultus einheit* é unidade cúllica, *cultus reinheit* é pureza cúllica. Então ele diz que a reforma de Josias foi mais um *cultus reinheit*, então não é uma centralização da adoração, mas uma purificação da adoração. Ele sentiu que a reforma de Josias tinha um forte caráter político. Ele sente que o que Josias estava tentando fazer era libertar Israel, tanto política quanto religiosamente, do domínio assírio. Ele disse que todas essas coisas que Josias fez não tinham nada a ver com a centralização do culto. Era mais que ele tinha certos objectivos políticos relacionados com a libertação de Israel da dominação assíria, e o que ele queria fazer era alcançar essa independência política, mas não a centralização do culto. Ele diz: “Deuteronomio não se dirige contra a multiplicidade de santuários, mas contra o politeísmo”. E, claro, os assírios eram politeístas, e essa é a questão.

Voltaremos a essa questão com mais detalhes mais tarde porque Ostriker argumentou que a frase em Deuteronomio que diz, em Deuteronomio 12:14, há

vários lugares em que ocorre, mas em 12:14, onde diz, “no lugar que o Senhor, vosso Deus, escolherá e dentre as vossas tribos”, ele diz que é melhor traduzido, “em qualquer lugar que o Senhor escolher em qualquer uma das vossas tribos”. Agora, teremos que olhar para isso, porque essa é uma questão fundamental sobre como traduzir esta frase. Mas é aí que ele diz que Deuteronômio 12 não exige a centralização do culto. Portanto, poderia haver multiplicidade de santuários, mas o que Deuteronômio se opôs foram aos cultos pagãos, ao politeísmo e à escolha arbitrária de locais de culto.

d. Welch: Deuteronômio da época de Samuel Tudo bem, Adam Welch, é “d”. Olhe na sua folha, acho que no topo da página quatro ele escreveu *O Código de Deuteronômio*, 1924. Welch chegou praticamente à mesma conclusão que Ostriker em relação à questão da centralização do culto. Ele considerava que a ênfase básica de Deuteronômio estava no caráter dos locais de culto, não no número. Ele concluiu que Deuteronômio se originou no norte de Israel desde a época de Samuel. Isso é bastante antigo, pré-monárquico, mas na sua forma atual data de cerca do século VIII. Assim, com Ewald, Westphal, Ostriker, Welch e eu ainda não mencionei Von Rad, mas com todos esses homens você está voltando mais cedo, progressivamente antes da época de Josias. Mas não de volta aos tempos pré-monárquicos e certamente não de volta aos tempos mosaicos.

e. Von Rad Com Von Rad você tem a influência do estudo crítico da forma entrando em seu ponto de vista, e seu ponto de vista é bastante complexo. Existem três livros que são significativos. Tenho um deles nesta folha; meio da página três, *Estudos em Deuteronômio*. Este é este pequeno livro publicado em 1953. Mas ele também fez um comentário sobre Deuteronômio, que foi traduzido na série *Old Testament Library*, publicada pela Westminster Press. Isso é 1964, publicado pela primeira vez em inglês em 1966. Também importante é seu livro *The Problem of*

the Hexateuch, que é um volume de ensaios coletados. O artigo original foi publicado em 1938, mas a coleção de ensaios foi publicada em 1966. Portanto, esses três livros são importantes no que diz respeito à visão de Von Rad sobre Deuteronômio, sua data, natureza e assim por diante.

Ele mantém a ideia de que Deuteronômio é o livro da lei de Josias, mas diz: “Deuteronômio é o resultado de um longo e complicado processo de desenvolvimento”. Em outras palavras, não é algo que foi escrito apenas na época de Josias, é o produto final de um longo processo de desenvolvimento. Na página 37 de seus *Estudos em Deuteronômio* ele diz: “Deuteronômio aparece em um ponto definido na história da fé de Israel. Ele aparece como uma obra acabada, madura, de belas proporções e teologicamente clara. Devido a estas características, deve ser considerado em todas as circunstâncias, como em certo aspecto, o produto final de um desenvolvimento longo e extremamente complexo. Numa data relativamente tardia, reúne praticamente a totalidade dos bens da fé de Israel, reorganizando-os e purificando-os teologicamente. Os mais variados grupos de tradições são harmonizados entre si e unidos em uma unidade tão perfeita e completa quanto pode ser concebida. Neste aspecto, como em outros, é comparável ao Evangelho de João nos livros do Novo Testamento.” Isso também pressupõe que haja um longo desenvolvimento por trás do Evangelho de João. Essa é a opinião dele sobre o caráter do livro.

A Anfictionia de Von Rad em Shechem Von Rad fica mais específica. Ele diz que “Deuteronômio é o produto de um movimento de restauração no qual a antiga tradição cultural da anfictionia de Yahweh em Siquém é reintroduzida como obrigatória para Israel”. Você já ouviu falar do termo “anfictionia?” Ele chama-lhe um movimento de restauração, “no qual a antiga tradição cultural da anfictionia de Yahweh em Siquém é reintroduzida como obrigatória para Israel”. Agora, uma “anfictionia” é uma confederação de unidades políticas em torno de um santuário

religioso central. Acho que o termo e o conceito foram emprestados da história grega. Mas há muito existe uma teoria, Von Rad foi um dos defensores dela, Martin Noth foi outro, de que a organização original de Israel era uma anfictônia e o centro dela era Siquém. Em Josué 24, Josué chama todo o Israel a Siquém e a aliança é renovada naquela assembleia. Josué os desafia a servir ao Senhor e diz: “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor” e assim por diante. Pessoas como Martin Noth e Gerhard Von Rad sentem que naquele momento da história de Israel havia muitos grupos diversos que se uniram e adotaram Yahweh como sua divindade. A anfictônia se deve à sua estrutura social – muitos grupos diversos reunidos em torno do santuário religioso central. Então o que ele está dizendo aqui é: “Deuteronômio é o processo de um movimento de restauração no qual a antiga tradição cultural de uma anfictônia de Yahweh em Siquém é reintroduzida como obrigatória para Israel”.

A Abordagem Crítica da Forma de Von Rad Apresenta Deuteronômio como um Todo/Unidade Orgânica O que von Rad tentou fazer então foi aplicar o método crítico da forma ao livro de Deuteronômio. O rompimento de todo esse impasse e debate sobre o caráter do livro e a estrutura do livro na época foi algo que atraiu particularmente sua atenção. Se você ler seu artigo “O Problema do Hexateuco”, ele diz na página 26: “À luz do que foi dito, devemos olhar agora novamente para o livro de Deuteronômio. Podemos deixar de lado as muitas dificuldades atualmente levantadas pelo problema do Deuteronômio e limitar-nos a um assunto que ainda pouco foi abordado pelos estudiosos, apesar de toda a controvérsia sobre a natureza deste livro. O que devemos dizer sobre a forma de Deuteronômio?”

Então Von Rad começa a fazer a pergunta: O que fazemos com a forma? Existe uma estrutura do livro como um todo, com sua notável sucessão de discursos, leis e assim por diante? Mesmo que se pense que Deuteronômio e sua forma atual vêm diretamente da mesa dos teólogos, isso não impede que

perguntamos a que gênero ele pertence. Isso simplesmente leva a questão ainda mais para trás. Isso nos obriga a examinar a história e o desenvolvimento da forma do material usado pelos teólogos deuteronomícos. Não se pode aceitar a suposição de que esses homens criaram uma forma literária ad hoc e tão notável.”

Ele continua e discute isso longamente. Ele diz: “Obviamente, do ponto de vista da crítica formal, ninguém aceitaria tal imagem das origens do Deuteronomio. É impedido pelo reconhecimento do fato de que Deuteronomio é, na forma, um todo orgânico”. Na forma, diz ele, é um todo orgânico. “Podemos distinguir qualquer número de estratos diferentes por critérios literários, mas em matéria de forma, os vários constituintes formam uma unidade indivisível. A questão é, portanto, inexplicavelmente levantada sobre a origem e o propósito da forma do Deuteronomio como a temos agora.” Ele então dá um esboço da estrutura do livro. Veremos mais tarde a estrutura e a forma de Deuteronomio.

Acho realmente significativo que von Rad diga que é importante ver a unidade da estrutura do livro de Deuteronomio. Ele vê isso como o produto final de um longo processo de desenvolvimento. Mas ele vê a estrutura dela como enraizada neste festival de renovação da aliança que era realizado periodicamente em Siquém. Reflete os elementos dessa renovação da aliança. É uma liturgia de culto, você poderia dizer. Ele então propõe que esta renovação começou há muito tempo atrás, na época de Josué. Como essa forma foi preservada? Como foi transmitido? Está enraizado nesta observância do culto em Siquém. Ele propõe que foram os levitas que preservaram e elaboraram esse antigo material de culto. Portanto, a forma final precisa ser atribuída aos levitas que pregaram e ensinaram a lei muito mais tarde, durante o período monárquico.

Na página 26 de seu comentário, sua conclusão é: “Se essas considerações forem bem fundamentadas, suporemos que um dos santuários do Norte de Israel, provavelmente Siquém ou Betel, seja o local de origem de Deuteronomio, e o século anterior a 621 deve ser sua data. Não há razão suficiente para voltarmos

mais de um século antes de 621.” Agora o que ele está dizendo é 621 AC, mas Deuteronômio teve um longo processo de desenvolvimento. Chegou à sua forma final em 721, um século antes de 621. Mas está originalmente enraizado na anfictionia de Yahweh, que teria ocorrido vários séculos antes de 621. Quero voltar à forma de Deuteronômio porque ela se torna cada vez mais importante, e agora você tem uma ideia de como von Rad aborda a questão.

3. Data pré-monárquica de Deuteronômio, mas não-mosaica a. Robertson e Brinker – época de Samuel

Agora “3” muito rapidamente, “Namoro Pré-Monárquico, mas não Mosaico”. Dois nomes: Edward Robertson e R. Brinker. Edward Robertson escreveu *O Problema do Antigo Testamento* em 1950, e nesse livro ele diz: “Os hebreus entraram na Palestina como uma comunidade organizada possuindo um núcleo de lei que compreende o Decálogo e talvez o Livro da Aliança. Entre a colonização e a ascensão da monarquia, esta comunidade tornou-se descentralizada e dividida em várias comunas religiosas, cada uma com o seu próprio santuário independente. Nesses santuários desenvolveram-se pensamentos divergentes, tradições e leis relacionadas. Quando o povo foi reunido sob um rei, foi necessário promover a unidade religiosa. Para este efeito, foi preparado um resumo da legislação que compreende uma codificação após a devida investigação e revisão dos códigos legais dos santuários, sob a orientação e supervisão imediata de Samuel. Este novo código era o livro de Deuteronômio e foi concebido para ser o código legal padrão da administração centralizada. A união das tribos sob um rei tornou a centralização do culto desejável e possível.”

Então essa é uma teoria muito interessante – muito hipotética – mas você pode ver a tese geral dele. A terra teve todos os tipos de tradições jurídicas diferentes desenvolvidas. Sob a liderança de Samuel (Samuel foi quem ungiu os dois primeiros reis, Saul e David) essas tradições foram unificadas e, como

resultado desta codificação, encontramos unidade no livro de Deuteronômio. Ele atribuiu isso a Samuel, então é pré-monárquico e não-mosaico, mas é muito hipotético.

b. Brinker: Influência dos Santuários no Israel Primitivo: Não Centralização, mas Purificação

R. Brinker, “b”, “A influência dos santuários no início de Israel”, foi escrito em 1946. É uma posição muito semelhante à de Robertson. Ele argumentou que a centralização não foi enfatizada, mas sim a purificação. Então você vê, você está de volta a essa reviravolta. É a mesma coisa de que Holscher falou. Será que Deuteronômio realmente requer centralização ou sua ênfase é mais purificação? Brinker assumiu uma posição semelhante à de Robertson de que Samuel era realmente responsável por Deuteronômio. A centralização não é enfatizada; a ênfase alerta contra o sincronismo com a idolatria e a pureza da adoração.

4. Data do Mosaico Tudo bem, isso nos leva ao “4”, e acho que vou parar; são dez horas. Quero apenas fazer alguns comentários sobre alguns defensores das datas do Mosaico. Como mencionei anteriormente e ao longo de toda esta história de discussão, sempre houve aqueles que representam a posição que defende a data mosaica, e estes são alguns representantes disso. Há algumas pessoas que estão atualmente envolvidas neste debate e trazem perspectivas realmente novas sobre o debate que ajudam a fundamentar a posição mosaica para a origem do Deuteronômio. Então, queremos abordar isso mais tarde.

Anfictionia explicada Mais um comentário sobre a anfictionia. É uma associação de unidades políticas em torno de um santuário ou divindade religiosa central. Então a ideia, aplicando isso a Israel a partir dessas perspectivas críticas, é que a maioria desses caras diria que Israel não veio como um bloco fora do Egito

para ocupar a terra, mas pode ter havido algum elemento menor que fez isso. .
Israel tinha muitos outros elementos diversos, e todos esses elementos se reuniram em torno do santuário de Siquém com a divindade Yahweh e disseram: “O Senhor será nosso Deus”, e foi isso que os uniu , não sua origem étnica.

Ok, até a próxima semana.

Transcrito por Hayley Pomeroy
Editado por Ted Hildebrandt
Edição final do Dr.
Renarrado pelo Dr.